PUBLICIDADE

Filme retrata a história da primeira morte sob tortura durante a ditadura militar no Brasil

Documentário será lançado na exposição 'Arquivos da ditadura', em cartaz no Centro Cultural da Justiça Federal

POR THAIS LOBO*
07/08/2014 13:41 / ATUALIZADO 07/08/2014 14:35

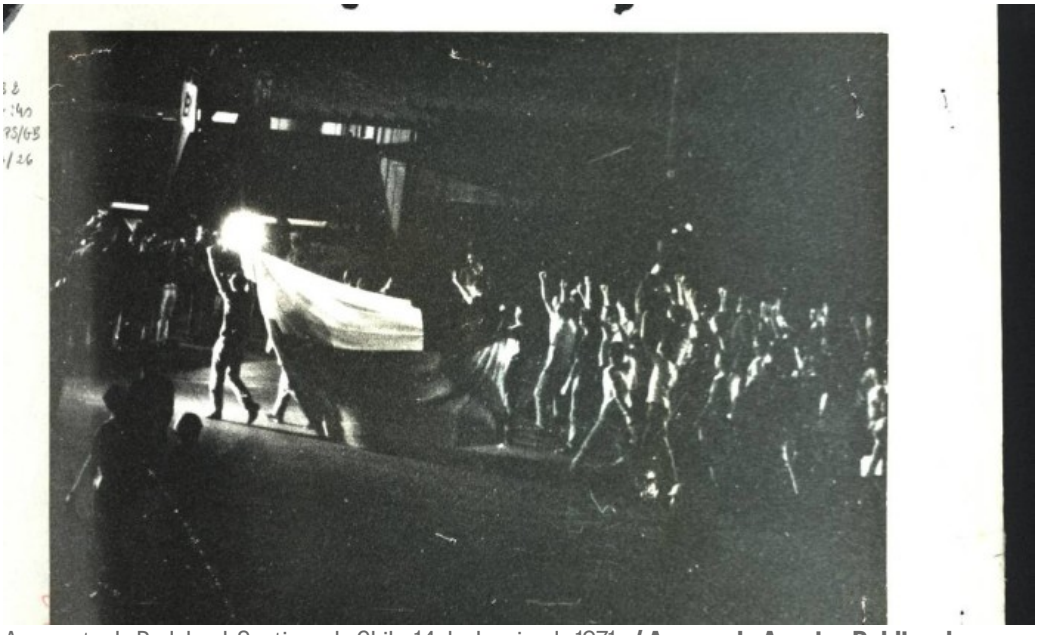
Janeiro de 1971 - / Acervo do Arquivo Publico do Estado do

PUBLICIDADE

RIO — Quando foi apresentado às fotografias, Antônio Roberto Espinosa sequer lembrava dos registros. Daquele dia, a memória do então comandante nacional do grupo político VAR-Palmares, o mesmo em que atuou a presidente Dilma Rousseff, só guardara as horas sob o jugo de torturadores, primeiro no Dops da Guanabara e depois na Vila Militar do I

Exército, no Rio. A documentação, reunida pela cineasta Anita Leandro, reconstrói o passado de prisão, exílio e morte de quatro presos políticos na ditadura militar: Espinosa, Maria Auxiliadora Barcellos, Chael Charles Schreier e Reinaldo Guarany.

— Eu não me lembrava dessas fotos que foram feitas num momento conturbado, no meio das torturas. Fomos presos às 21h30m e transportados para o Dops. Como já era tarde, o fotógrafo tinha ido embora e fomos levados de imediato para as câmaras de torturas. As fotos devem ter sido tiradas algumas horas depois — lembra Espinosa. — Às vezes você mesmo duvida da sua memória. Aconteceu mesmo? Não é um filme? Como aguentei aquilo? E de repente um documento prova para você mesmo que viveu a verdade dos fatos.



Aeroporto de Pudahuel, Santiago do Chile, 14 de Janeiro de 1971 **- / Acervo do Arquivo Publico do Estado do Rio de Janeiro**

As histórias dos quatro personagens são tema do documentário “Retratos de identificação”, a ser lançado no próximo 12 de setembro em parceria com Comissão de Anistia do Ministério da Justiça na exposição “Arquivos da ditadura”, em cartaz a partir desta quarta-feira no Centro Cultural da Justiça Federal. Filmado pela primeira vez, o acervo sob a guarda do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro trouxe à tona a noite do dia 21 de novembro de 1969, juntamente com os depoimentos dos sobreviventes. Naquele

dia, Espinosa foi preso numa casa no Lins de Vasconcelos, na Zona Norte do Rio, com sua companheira Maria Auxiliadora, a Dôra, e Chael, estudante de medicina na Santa Casa de São Paulo até entrar para a luta armada. Os três foram levados para o Dops da Guanabara e depois para a Vila Militar do I Exército, onde acabaram barbaramente torturados. Chael morreu após uma noite de violência, evidenciada no próprio laudo de necrópsia do Hospital dos Servidores do Exército, o que fez de sua morte o primeiro caso de tortura documentado no regime militar.

Apesar das provas, o inquérito policial, assinado pelo então capitão do Exército Celso Lauria, sustentava que o jovem morrera em decorrência de ferimentos no combate que se deu no momento da prisão. Um documento encontrado por Anita, entretanto, reforça o laudo: uma fotografia feita na chegada ao Dops mostra Chael nu da cintura para cima sem qualquer ferimento. Na mesma sequência de fotos, Espinosa aparece já com a orelha sangrando, resultado dos chamados golpes "telefone" que sofreu nas primeiras horas de prisão.

— Foi uma pancadaria incessante no Dops. Voltei a vê-los por volta das 4h, quando nos colocaram num único camburão algemados para a transferência para a Vila Militar. Ali percebemos que o Chael não estava bem. Confuso, com dificuldade para falar — relembra Espinosa. — Não foi apenas a tortura que ele havia passado. Todo o tempo no aparelho ele foi submetido a um regime brutal. Ele era gordinho e com cerca de 130kg seria facilmente reconhecido. Era quase impossível ser clandestino. Ele comia duas folhas de alface por dia e só tomava água. Perdeu mais de 40kg em um mês. Com isso, estava fisicamente debilitado.

Na Vila Militar, Espinosa relata que viu um militar desferir um golpe com a coronha de um fuzil no peito de Chael.

— Na mesma hora formou-se uma bolha

arroxeada no peito dele. Após esse momento de tortura coletiva, cada um foi levado individualmente para uma sala. Por volta das 11h parei de ouvir os gritos dele. Achei que tivesse acabado a tortura, mas na verdade ele tinha morrido — conta ele, que depôs na audiência pública da Comissão Nacional da Verdade sobre o caso em janeiro desse ano.

PUBLICIDADE

Quatro dias depois da morte, o corpo de Chael chegava a São Paulo, onde a família morava, para ser enterrado de acordo com rituais judaicos. Dentro do templo, uma junta médica fez secretamente uma nova autópsia, que constatou a tortura.

— O cemitério inteiro estava rodeado por policiais armados. Chael chegou num caixão de metal lacrado. Só que no cerimonial judaico é preciso lavar o cadáver. O caixão foi aberto com pé de cabra e ali nos demos conta que ele tinha apanhado como um cavalo — afirma Shirley Schreier, prima de Chael e química da USP. — Na época, os policiais alegaram que tinha sido suicídio, como se fosse algo menos doloroso. Acontece que os suicidas, segundo a tradição judaica, são enterrados perto do muro do cemitério, como párias. Quando vimos o quanto ele tinha sido torturado pudemos enterrá-lo num lugar comum.

A morte violenta por tortura foi noticiada no “New York Times”, embora no Brasil apenas a revista “Veja” tenha tratado o assunto como crime político. Os jornais só noticiaram a prisão de Chael no dia 23 de novembro, quando ele já estava morto.

“A denúncia (da morte de Chael) foi a primeira de uma avalanche que durou a

semana toda. O advogado Leopoldo Heitor, preso durante duas semanas no Deops de São Paulo, citou publicamente nomes de torturados e torturadores, a OAB denunciou arbitrariedades na prisão de três advogados e outros casos começaram a chegar às redações de jornais", dizia a reportagem.

Um dos autores da reportagem que revelou o caso de Chael e de outros torturados, o jornalista Bernardo Kucinski deixou a revista após a publicação, diante de pressões do governo. Apenas este ano, o livro "Pau de Arara: a violência militar no Brasil", escrito na década de 1970 por Kucinski e Ítalo Tronca sobre os casos apurados, foi lançado no país.

VEJA TAMBÉM

Comissão vai apontar envolvimento do coronel Perdigão na morte de Zuzu Angel

Documentos mostram que EUA toleraram prática de tortura na ditadura

TRF entende que crime no Riocentro está prescrito e decide trancar ação penal contra militares

— Aquele foi um momento decisivo para a imprensa, mas a "Veja" ficou totalmente isolada. É um momento que devemos nos envergonhar porque talvez tivéssemos conseguido interromper o processo e pressionar o governo. Foi um momento em que a imprensa do ponto de vista institucional falhou — pondera.

Em 1971, em troca da liberdade do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher, setenta presos políticos deixaram a prisão para o exílio no Chile, entre eles Dôra e Reinaldo Guarany, um ex-combatente da ALN preso na Ilha das Flores, no Rio. Espinosa não foi incluído na lista de prisioneiros a serem trocados devido a um racha na VAR-Palmares. Assim, continuou preso em São Paulo até 1973, quando foi solto por falta de julgamento. Reinaldo e Dôra, que se conheceram no Aeroporto do

Galeão, viveram juntos no exílio até 1976. Aos 29 anos, ela suicidou-se, em Berlim.

— O documentário é um recorte dentro dessa grande história dos 70 militantes trocados pelo embaixador suíço — explica Anita, que fez a pesquisa durante três anos e meio nos arquivos. — Ninguém gosta muito de trabalhar com papel no cinema. É ingrato filmar papel. Mas o objetivo do filme é pôr em primeiro plano os vestígios da História que sobrou da ditadura. É com o que restou que fazemos a História e é com ela que vamos construir uma memória coletiva.

PUBLICIDADE

Procurado pelo "Globo a Mais", o capitão do Exército na época e encarregado de um inquérito policial militar que investigou o grupo armado VAR-Palmares, Celso Lauria, não quis comentar o assunto.

**Esta matéria foi publicada originalmente no "Globo a Mais".*

Clareador de Pele
ultrafarma.com.br/Clareador
Medicamentos Genéricos Ultrafarma. Entregas para Todo o Brasil!
Links Patrocinados

ANTERIOR
Crivella culpa Garotinho pelo crime no Rio

PRÓXIMA
Pezão se diz seguro sobre ação que pede suspensão de direitos políticos por cinco anos

MAIS LIDAS

01 No primeiro domingo da Operação Verão, ao menos 15 pessoas são presas

02 Trecho da Praia da Reserva, na Zona Oeste, é interditado devido a iate

03 Megaoperação contra corrupção policial prende terceiro oficial da hierarquia

04 Petrobras confirma alteração de perfil de Paulo Roberto Costa na

05 Cinco pessoas morrem em chacina em São João de Meriti, na

por roubo e agressão | encalhado na areia | da PM | Wikipédia via computador da empresa | Baixada Fluminense

Shopping

Gafisa

© 1996 - 2014. Todos direitos reservados a Infoglobo Comunicação e Participações S.A. Este material não pode ser publicado, transmitido por broadcast, reescrito ou redistribuído sem autorização.

CENTRAL DO ASSINANTE CLUBE SOU+RIO FAÇA SUA ASSINATURA AGÊNCIA O GLOBO O GLOBO SHOPPING FALE CONOSCO DEFESA DO CONSUMIDOR EXPEDIENTE ANUNCIE CONOSCO TRABALHE CONOSCO POLÍTICA DE PRIVACIDADE TERMOS DE USO